

Centro de congressos nos jardins do Palácio de Cristal: uma terceira via?

Está no ar a polémica relativa à construção de um centro de congressos no Pavilhão Rosa Mota e nos jardins do Palácio de Cristal. Creio que a cidade do Porto, e a sua região envolvente, ficariam a ganhar com equipamento deste tipo localizado no centro, algo que possa assumir o papel de âncora para a recuperação urbana de que tanto precisamos.

No entanto, a construção novos equipamentos nos jardins do Palácio colide frontalmente com a preservação daquele que será, porventura, o mais bonito dos espaços verdes da urbe. Parece-me não oferecer dúvidas que os projectos já conhecidos (do novo sabe-se ainda muito pouco, mas o que se sabe é suficiente para formular uma opinião), implicarão inevitavelmente o abate de algumas árvores, a alteração profunda de um dos lugares mais queridos dos portuenses - a zona do lago - e, pior que isso, a deterioração significativa de parte da área verde enquanto unidade paisagística. E isso, numa cidade como o Porto, pobre em espaços verdes e em espaços públicos de qualidade, é uma perda que não podemos suportar.

Contudo, estou convencido de que existe uma alternativa. Aliás existem sempre alternativas - o que normalmente não existe é vontade de as procurar, pois prazos e outros imperativos ditam que os poderes públicos optem pelas soluções mais simplistas, as quais, quase sempre, acabam por acarretar os maiores impactos. Mas cabe aos decisores, em colaboração com os cidadãos e através por exemplo de um concurso de ideias, ou por outras formas, encontrar uma ou várias alternativas ao actual projecto, em locais apropriados, e que não firam a integridade do que é o jardim do Palácio, por forma a que a cidade saia beneficiada sem que esse valor essencial seja afectado.

A título de exemplo, sugiro que se estude a hipótese de instalar todos os equipamentos a construir de raiz no conjunto de edifícios na Rua de Jorge Viterbo Ferreira, maioritariamente ocupados por oficinas e outros negócios facilmente relocizáveis. Parece-me à partida viável que estes edifícios sejam expropriados e modificados (eventualmente demolidos) de modo a acolherem aqueles equipamentos. Uma ponte aérea poderia ligá-los ao Pavilhão Rosa Mota, o que exigiria uma caminhada de escassos metros apenas (certamente que os congressistas não se furtarão a isso!). Não é exigir muito - bem pelo contrário - que se deslocalize para fora da área definida em PDM como espaço verde toda e qualquer nova construção, evitando assim o alargamento da área impermeabilizada.

É natural que o custo associado a esta "terceira via" seja superior ao dos projectos actualmente sobre a mesa, mas convenhamos: que significado real têm esses custos quando comparados com o prejuízo incomparavelmente maior que seria a perda irreversível de parte dos jardins do Palácio de Cristal? Para os portuenses os jardins são um espaço de descanso, de memórias e de harmonia. Mas na linguagem economista - aquela a que os decisores estão mais habituados - os jardins constituem um "activo" de valor muito superior ao do novo centro de congressos, pelo que a deterioração dos jardins representaria um prejuízo líquido para a cidade.

Com esta proposta pretendo no fundo mostrar que, havendo vontade, a cidade poderá ganhar um equipamento sem com isso beliscar a grande beleza dos jardins do Palácio de Cristal. Seria como que uma situação "win-win". Apelo, por isso, à consciência dos decisores envolvidos no sentido de não permitirem que os seus nomes figurem na listas das pessoas que maltrataram os jardins da cidade.

Nuno Quental

Doutorando em Eng. do Território

5 de Julho de 2010